

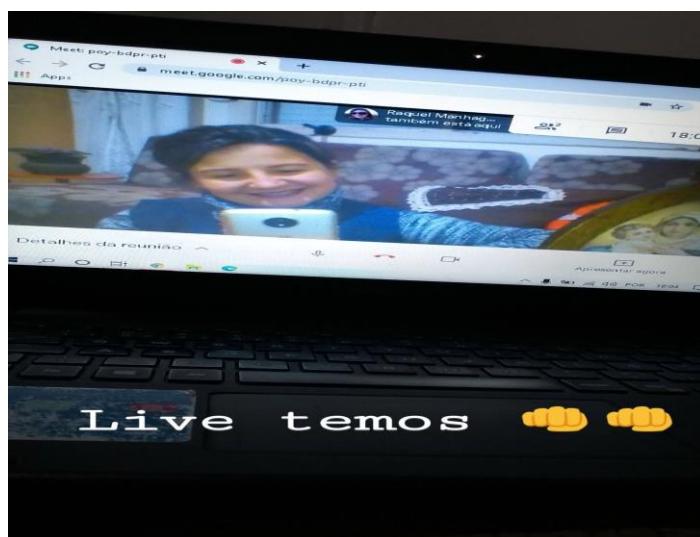
8 PRODUTO DO MESTRADO PROFISSIONAL PROPRIAMENTE DITO: LIVRO DIGITAL

Como já mencionado, nosso primeiro movimento foi a Jornada Acadêmica para a comunidade escolar. O evento foi realizado ao final do dia, durante uma semana, via plataforma digital. A nossa escola é dividida em canteiros: canteiro do Berçário, canteiro do Maternal e canteiro da pré-escola. Desta maneira, foram convidadas uma professora de cada canteiro para explanar os objetivos de todo o canteiro, bem como a nova maneira de ministrar as aulas que se fez necessário implantar. Uma das coisas a serem destacadas neste ponto é a formação continuada dos professores atuantes na escola; todos especialistas e quatro alunas do mestrado do PPPGE, fato este que surpreendeu alguns pais durante o evento, visto que os professores falam com propriedade sobre a Educação Infantil.

Cada professor foi orientado via coordenação pedagógica a dialogar por 15 minutos acerca do novo método de ensino via *lives*, a necessidade de apoio de um adulto durante este período, as atividades que faríamos na escola e então foi aberto um momento para as perguntas. A participação da comunidade escolar foi em massa, fato este que nos deixou tranquilos pois mostrou que teríamos o apoio familiar neste momento de transição.

Outro capítulo do nosso livro digital são as *lives* propriamente ditas. Uma vez na semana, em horário pré-determinado, nos reunímos frente a computadores por um período de 10 minutos para a aula do dia. Trago a imagem da sala de aula online aberta, em espera das nossas crianças.

Figura 3: Sala de aula online.



Fonte: Autora (2020).

Este momento acabou virando um evento, pois era o nosso momento de matarmos a saudade, mostrar como estava a nossa rotina, e as coisas que fazíamos em casa durante este período de isolamento, foi preciso paciência para organizarmos o nosso aprendizado. Os primeiros encontros foram só de conversas de todos juntos, gritos e risadas. Após estes primeiros momentos descontraídos, conseguimos seguir o planejamento propriamente dito. Alguns alunos não se sentiram à vontade diante das câmeras e optaram por não participar, fato este que driblamos mandando vídeos com convite especial. Este movimento acabou nos dando a ideia de compartilhar este vídeo com toda a turma, como se fosse uma espécie de chamado as *lives* e atiçando a curiosidade dos pequenos. Os vídeos que antecediam nosso encontro online também serviram para a separação e preparação do material que seria utilizado nas aulas. Vale destacar que tudo era novidade para todos os envolvidos, por isso conforme os problemas iam surgindo buscávamos maneiras de resolvê-los. A seguir, compartilho um vídeo deste momento.



VID_20200707_124104411.mp4

Destaco que a nossa escola é católica, das irmãs de Schoenstatt. Assim, a oração estava presente em todos os momentos, bem como a imagem da mãe rainha, procuramos reescrever tudo da maneira que era feita no presencial para o online. Contudo, nem sempre foi fácil gravar estes vídeos caseiros, sem muitos recursos, expondo minha casa e intimidade, bem como a minha prática pedagógica. Muitas vezes foram preciso várias gravações de um mesmo momento até que se conseguisse chegar a um produto com alguma qualidade. No próximo vídeo, poderemos ver os bastidores da gravação.



VID_20201001_183052485.mp4

Para mantermos nossas *lives* interessantes, lancei um desafio. O desafio consistia em realizar algo para iniciar a *live* seguinte. Poderia ser um desenho, jogo, brincadeira ou música que tivesse haver com o tema trabalhado em aula. Então, a *live* seguinte iniciava com a apresentação do desafio pelos alunos, o que fazia com que todos pudesse falar um pouquinho e expor seus “trabalhos”, assim denominado pelas crianças. Segundo Piaget, a aquisição da linguagem é fundamental para o desenvolvimento da inteligência.

Aqui, apresento um desenho realizado por um aluno durante o projeto que estávamos desenvolvendo sobre os tipos de moradia. Todos os projetos trabalhados durante o período de aulas remotas, remetiam a temas do dia a dia familiar, como moradias, moradia dos animais, brincadeira preferida, brinquedo predileto, música que mais gosto, entre outras.



Durante este período de afastamento, tivemos também alguns encontros presenciais na escola conforme a gravidade da pandemia. Um dos primeiros encontros denominados *DRIVE TRHU* da saudade, foi um evento realizado no pátio da nossa escola, onde os pais passavam de carro e nos encontravam pelas janelas dos veículos. Nestes encontros, distribuímos alguns mimos aos alunos e por vezes algumas atividades. Em um destes momentos entreguei uma sacola viajante com livros que deveriam voltar a escola no retorno ao presencial e instruções para a confecção de um jogo de quebra cabeça com imagens da história e palito de picolé.

Figura 4 – Equipe à espera das famílias para o encontro.



Fonte: (2021).

Um dos pontos a se destacar é a união deste canteiro do maternal, todas a atividades eram elaboradas juntas, cada um seguindo a especificidades da sua turma e os materiais também eram todos construídos de maneira que as três turmas pudessem usar. Um ditado popular pode ser usado para descrever estes momentos: A união faz a força, e éramos assim, unidas, que seguíamos enfrentando as situações adversas que se apresentavam.

Em nossa escola, um fato muito presente são as datas comemorativas, principalmente as de cunho religioso, este fato não poderia passar em branco mesmo durante as aulas online, por isso um dos capítulos deste livro digital refere-se ao que fizemos para leva-los até as crianças em suas casas. Tomando todos os cuidados que a pandemia exigia como máscaras e álcool gel no reunimos na escola para a gravação de um teatro sobre a Páscoa. Todo este mês de abril de 2020 foi dedicado a Páscoa e aos seus símbolos. Na escola o teatro ajuda a criança a desenvolver a imaginação, a criatividade, a intelectualidade e suas habilidades artísticas, estimula também a criança a trabalhar a expressão verbal e corporal, a dicção e a coordenação motora por isso este foi um dos pontos mantidos durante as nossas aulas online. Apresento a seguir um dos vídeos enviados sobre os símbolos pascoais.



20210303_093637.mp4

Como último capítulo do nosso livro digital, e dentro da fase que estamos vivendo, decidiu-se oportunizar as crianças um piquenique na escola. Trago, então, a música e poesia de Marcelo Schimidt para ilustrar o momento; de maneira transdisciplinar exploramos todo o contexto mobilizando sonhos, alegrias do reencontro e encantamento poético.

Nic e Pic nem dormiam
A picar as frutas
Para o piquenique
Seguem cedo
Com a cesta
Que compraram lá no bric

Pic gosta de nicar bolita
Nic gosta de brincar de pique
Nic acah Pic tão bonita
Quanto Pic acha Nic

Brincadeiras ensaiadas
Venha logo
O piquenique

Lá vão eles pela estrada
No caminho que a
Seta indique
Nic e Pic

Rumo ao piquenique
Schimidt (2015 p. 07).

A seguir, temos imagens do nosso piquenique:

Figuras 5, 6 e 7 – Piquenique.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2020).

Este momento teve a intencionalidade de sentir a escola viva e consistiu na organização dos tempos e espaços para a realização do piquenique, no acesso ao conhecimento científico, nas experimentações, no convívio com a cultura escrita, foi realizado um momento com atividades múltiplas de leitura para as crianças, contação de histórias, de registros espontâneos, de registros coletivos e significativos, respeitando-se a idade e a individualidade de cada criança e os protocolos da bandeira vigente e de proteção ao contágio por Covid.

Visto que as crianças experimentam o mundo de maneira ativa e curiosa, as interações são primordiais para o conhecimento deste mundo, pois trazem consigo experiências individuais e modos de aprender próprios, diferenciando-se umas das outras nas ações que realizam, na maneira como solucionam seus conflitos, atribuindo sentidos distintos às experiências vivenciadas. No espaço, estavam disponibilizados também materiais não-estruturados, não sendo o brinquedo pronto, que a criança só brinca com aquilo, e sim madeiras, pedras, galhos de árvore, folhas, sementes, frutas, panela, pote de sorvete, vidro, etc., a partir dos quais as crianças irão criar histórias, desenvolver a imaginação.

A possibilidade de tempos e de espaços construídos para que as crianças possam viver, experimentar e explorar o seu tempo de infância, traz implícita as concepções e entendimentos docentes que os organiza, em correlação com a gestão a qual fazem parte, revelando ainda que concepção de criança e de educação que se acredita e defende. Ao descobrir o mundo a sua volta, brincar de faz de conta, criando situações e soluções de problemas, pois é durante a brincadeira de faz de conta que as peças de um lego podem ser as comidinhas preparadas por elas usando as panelinhas, sua imaginação deve estar solta e presente fazendo com que a criança realmente viva intensamente aquele momento.

Nas brincadeiras de faz de conta das crianças, percebemos que elas se envolvem de forma plena, as crianças organizam-se em grupos com os colegas, os quais tem maior afinidade, e muitas vezes nos convidam para participar. Ao brincar de massinha de modelar, as crianças criam pratos de comida para a professora provar, no momento que uma criança oferece à professora uma comidinha feita por ela durante a brincadeira as outras muitas vezes repetem a ação da primeira, envolvendo um grupo de crianças.

Acreditamos que nossas ações docentes se tornam mais significativas quando nos aproximamos e nos envolvemos com as crianças e assim podemos observar suas ações com mais facilidade, pois é durante a brincadeira que as crianças expressam suas emoções, dúvidas, curiosidades e frustrações. Durante o faz de conta a criança sai do contexto da sua realidade e pode assumir diferentes papéis nos enredos e cenários imaginários. Por exemplo as crianças brincam de papai, mamãe e filhinho, e durante o desenvolvimento da brincadeira, outra criança

quer participar, as crianças conversam e chegam a conclusão de que a brincadeira pode ter mais um irmão, um irmão mais velho, mais novo, mais um cachorro

Somos as responsáveis pela organização de espaços, tempos e materiais que possibilitem às crianças desenvolverem-se e aprenderem no coletivo. Podemos considerar o espaço (categoria relacionada ao ser “criança” e à infância) como um elemento curricular, que está longe de ser neutro e foi este o cuidado que procuramos ter durante nossos encontros na escola em drives e durante as *lives*.

Também a questão do tempo atrelado ao espaço é preponderante para um trabalho pedagógico de qualidade, a fim de que as possibilidades de aprendizagem se deem de forma significativas. Na escola onde trabalho, a relação tempo/espaço é destaque na rotina das crianças, por isso manteve-se com ênfase no ensino remoto, porque pensar sobre os espaços e os tempos que vivem as crianças pequenas nos sugere refletir as instituições de educação infantil, observando se são atendidas suas necessidades básicas como o cuidado do corpo e da mente, higiene e alimentação, possibilitando viver a infância que lhes é de direito na escola infantil e que em muitas vezes têm sido relegadas a um segundo plano.

Neste caminho, em busca de respostas, surge outra questão: será que é possível pensarmos um tempo em que possamos respeitar individualidade de cada criança durante a pandemia? Questionamentos como esses nos fazem refletir sobre as práticas que estão sendo realizadas na educação infantil, tanto por professores como por gestores e equipe de apoio. De que forma estamos possibilitando que as crianças vivam seu tempo? E os espaços que eles têm acesso? Os espaços que estão sendo propostos para o convívio das crianças também nos instigam à reflexão.

A falta de proposição em espaços de convívio infantil, também são aspectos que precisam ser pensados, planejados e refletidos por professores e pela equipe gestora para que as crianças tenham oportunidade de vivenciar momentos de alegria, exploração, imaginação e criação, respeitando suas individualidades e interesses, de forma que seu tempo de criança na escola seja valorizado e respeitado contribuindo para o desenvolvimento integral destes sujeitos.

Todavia, vale ressaltar que esse tempo não pode se dar de forma rígida e inflexível, até porque estamos abordando o planejamento do trabalho pedagógico e, como tal, precisamos estar atentas às necessidades e interesses dos educandos, ou seja, precisamos ter a flexibilidade como premissa. Aliás, sabemos que o tempo e espaços determinados, que alicerçam a criação da escola como tal. Assim após algumas *lives* com a turma toda, optou-se em realizar as *lives* com

pequenos grupos, de 01 até 03 crianças para que as mesmas tivessem significação e seguissem nossa linha de trabalho.

Ao logo do ensino pelas aulas ao vivo, procuramos articular o imaginário com o conhecimento e incorporar as culturas da infância na aprendizagem, pois este foi o modo de construir novos espaços que reinventem a casa tornando-a como sua escola, ou seja reencontrando sua principal vocação; o lugar onde as crianças se constituem em suas interações com os pares e com os adultos e estabelecem processos de participação no espaço coletivo.

A compreensão das culturas da infância pode ser feita com a análise da produção das formas culturais para a infância com a recepção efetiva destas formas, além disso, tal compreensão não pode deixar em segundo plano as formas culturais geradas pelas crianças em suas interações com os adultos e com a natureza o que as caracterizam como criadores culturais (SARMENTO, 2003).

Por isso, é importante considerarmos a criança como sujeito ativo, produtor de cultura, capaz de transformar e transforma-se no espaço-lugar ocupado. Ou seja, o espaço objetivo torna-se “lugar de...” experiências, relações, criações; torna-se ambiente de vida, a partir das experiências que nele compartilhamos (GUIMARÃES, 2006, p. 71). Logo, a criança precisa ter garantido efetivamente o tempo e o espaço de ser criança!

A escola de educação infantil abrange um universo amplo e desafiador. É neste espaço que as crianças vão aos poucos construindo seus entendimentos acerca do mundo que as rodeia e essas vivências possibilitadas pela escola as acompanham por toda a vida. Assim, o que vem sendo possibilitado de vivenciar nas instituições que atendem os pequenos torna-se ainda mais importante e necessário de reflexão constante.

Desta forma, é importante deixar claro de quais concepções de criança e de infância. As concepções foram sofrendo diversas modificações, considerando a época em que foram formuladas e também aos sujeitos que se aplicavam estas formas de pensar. Historicamente, as concepções de criança foram construídas baseando-se na criança como um ser incapaz de pensar sozinho, incapaz de criar e produzir cultura. Pesquisas e estudos realizados por diversos autores que tinham interesse em pesquisar a criança e a infância tornaram possível compreender a criança e a concepção de infância de outra perspectiva, a qual entende-se hoje.

Ao longo de minha trajetória acadêmica e profissional, evidencio que a brincadeira é cultural, relacional e fundamental para o desenvolvimento da identidade e da autonomia da criança. Desde muito cedo ela se comunica por meio de gestos, sons, expressões e através da brincadeira aprende a representar papéis, desenvolve sua imaginação, sua criatividade e sua interação social.

Por vezes nosso planejamento não desperta a curiosidade que esperávamos que fosse ocorrer, este fato foi bem comum durante o afastamento de nossa escola. Nesta hora, foi preciso se reinventar como professora e buscar valorizar e considerar todas as linguagens que a criança apresenta e traz para as *lives* como um dos pontos fundamentais em nossa prática.

Nesse sentido, a brincadeira que era vital nos espaços escolares, tornou-se vital em casa, e a partir do nosso olhar frente as instâncias educativas pude perceber o quanto importante se torna a reflexão coletiva em um processo que abrange a escola como um todo, envolvendo a gestão e a formação continuada.

Com nossas experiências e nossas reflexões acerca das brincadeiras e culturas infantis, foi possível perceber que a rotina, o ambiente físico, os materiais, além da professora são importantes mediadores do brincar. A criança tem direito de brincar, e entender a mesma como sujeito de direitos é proporcionar experiências qualificadas, de modo formação de professores e, principalmente desafios, para que ela possa fazer escolhas, participar, manifestar suas ideias e curiosidades, possa viver sua infância.

Essas concepções precisam estar claras e presentes nas práticas dentro e fora das escolas que tenham como foco a criança e a educação infantil, visto que em nossas salas de aula há diferentes crianças que convivem em diferentes seios familiares e trazem para a o dia a dia suas experiências, frustrações e expectativas. Por isso batemos inúmeras vezes na mesma tecla de respeitar a criança como um todo, sendo esta considerada um ser pensante de direitos. Durante minha experiência profissional tive contatos com diferentes espaços de aprendizagem para as crianças de zero a cinco anos, e um dos pontos que pude perceber é o quanto o nosso mundo globalmente articulado carece de ser adaptado e pensado para o desdobramento do mundo de nossos alunos, que estão entregues em nossas mãos.

Nós professores assumimos nesta hora o papel de protagonistas da vida escolar destas crianças, papel este que as mesmas levarão pela vida toda, diante disso, temos a necessidade de reorganizar o conhecimento construindo novos espaços educativos com o intuito de aprender e tornar a escola como a referência das crianças, ensinando ademais dos conteúdos, a condição humana, a enfrentar as incertezas, reformando deste modo o pensamento.

Como educadoras, devemos respeitar a fantasia, o faz de conta, o pensamento e os sentimentos sincréticos, nebulosos, aproximando a fantasia da realidade, pois segundo Wallon esta fase é essencial para o pensamento divergente, para os futuros artistas, escritores, pessoas que vão inovar em diferentes áreas do conhecimento humano.